

FOTOGEOGRAFIA.

CUJABÁ, CAPITAL DE MATO GROSSO

Fotografias e comentários
de
AROLDO DE AZEVEDO

Por ocasião da VIII. Assembléa Geral Ordinária da A.G.B., reunida em Cuiabá (julho de 1953), o autor permaneceu durante dez dias na capital matogrossense, tendo chefiado a "equipe" que se encarregou de sua geografia urbana. As fotografias e os comentários, que hoje publicamos, constituem o primeiro resultado do rápido contato com aquela cidade do Centro-Oeste brasileiro.

Visão panorâmica de Mato Grosso. — Quem percorre o território de Mato Grosso, utilizando as vias terrestres e a aviação, a exemplo do que fizemos no mês de julho do ano corrente, guarda para sempre alguns fatos indeléveis. Viaja horas e horas seguidas sem ver outra paisagem senão a do "cerrado", com sua vegetação retorcida e monótona; atravessa extensas áreas de relevo pouco acidentado, cujos maiores desníveis encontram-se nas escarpas das "cuestas"; tem diante de si aquele labirinto inextricável de cursos d'água e de lagões, assentados em intermináveis planuras, onde os carandazais espontâneos, enfeitados com suas palmas, no meio de uma vegetação geralmente baixa — que é o Pantanal; compreende, de maneira exata, a justeza da expressão "deserto de homens", pois pode vencer quilômetros sem encontrar um só sinal de vida humana e fica realmente admirado quando, no meio daquelas infinitas solidões, aparecem corajosamente uma habitação isolada ou, quando muito, duas ou três casas agrupadas, à sombra de frondosas mangueiras; pode contar nos dedos das mãos os aglomerados urbanos, poucos dos quais merecem realmente a designação de cidades. Se o Brasil é um "continente", Mato Grosso deve ser comparado a um grande "país", tão vasto como a Bolívia ou o Perú, duas vezes maior que a França ou Portugal e Espanha reunidos.

No que se refere às cidades matogrossenses, dentre as que tivemos a ventura de conhecer, os contrastes são interessantíssimos. Pelo seu dinamismo e pela sua fisionomia, *Campo Grande* faz lembrar uma das movimentadas cidades do Oeste paulista. Debruçada por sobre as águas do rio Paraguai, com seus dois níveis bem caracterizados, *Corumbá* é uma típica cidade fluvial, além de apresentar o cosmopolitismo das cidades fronteiriças e de ser, sob muitos aspectos, a metrópole do Pantanal. Já *Rondonópolis*, em pleno "mundo" boróro, recorda-nos uma cidade pioneira, pelo seu aspecto e pelo seu rápido crescimento, embora não tenha a cercá-la nenhuma área de pioneirismo; tudo isso se deve à sua posição, em um importante nó de comunicações. *Coxim* continua a ser, em suas linhas gerais, a Coxim descrita pelo Visconde de Taunay há mais de 80 anos... *Três Lagôas*, com suas largas avenidas arenosas e seu traçado em xadrés, dá a impressão que esta-

cionou. No entanto, *Cuiabá* constitui um caso especial, que vai merecer de nossa parte uma referência mais ampla, porque pudemos conhecê-la melhor.

Cuiabá, cidade renascida. — A Capital do Estado de Mato Grosso ergue-se graciosamente à margem do rio Cuiabá, afluente do Paraguai, no meio de um extenso planalto de terrenos proterozóicos fortemente erodidos, numa altitude média de 165 metros sobre o nível do mar, em pleno coração do continente sul-americano. Assentando-se sobretudo na vertente direita do vale do modestíssimo córrego da Prainha, desenvolve-se em direção ao rio que lhe deu o nome, que se acha a cerca de 3 km de seu centro comercial. O "cerrado" está presente em todo esse planalto cuiabano, salvo às margens do rio, onde a floresta-galeria toma o seu lugar.

Surgida no primeiro quartel do século XVIII, em virtude da descoberta de um dos mais famosos depósitos auríferos do ciclo da mineração e graças à iniciativa de bandeirantes paulistas, não usufruiu por muito tempo as vantagens dessa riqueza: o ouro de aluvião esgotou-se depressa, alucinantemente arrebanhado pela multidão de aventureiros que para ali afluiu. Mas a vila setecentista sobreviveu ao êxodo daquela população flutuante e conseguiu transformar-se em capital da província, cerca de um século depois de sua fundação, em substituição à decadente Vila Bela de Mato Grosso, localizada em sítio tão ingrato, no vale do Guaporé.

Espanta, sem dúvida alguma, o fato de Cuiabá haver resistido com vida através de todo o século XIX, pois, colocada a tão grandes distâncias dos centros mais povoados, sem nenhuma riqueza regional que a pudesse sustentar, tendo como única via de comunicação para o exterior as águas do Cuiabá e do Paraguai, tudo justificaria sua queda e um destino igual ao da infeliz Vila Bela. Todavia, a circunstância de continuar a ser o centro político-administrativo da Província e, depois, do Estado garantiu-lhe a sobrevivência. O século XX encontrou-a decadente, ao mesmo tempo que outros núcleos urbanos surgiam e prosperavam ao sul do Estado, graças à chegada dos trilhos da E. F. Noroeste do Brasil e aos recursos da região. Sua posição de capital tornou-se periclitante. No entanto, a era da aviação e, mais ainda, a ligação rodoviária com Goiás, através da zona diamantífera, com São Paulo e com a região meridional abriram-lhe novas perspectivas, que serão, sem dúvida, consolidadas no dia em que os trilhos da E. F. Araraquarense puzerem-na em contato direto com a terra paulista.

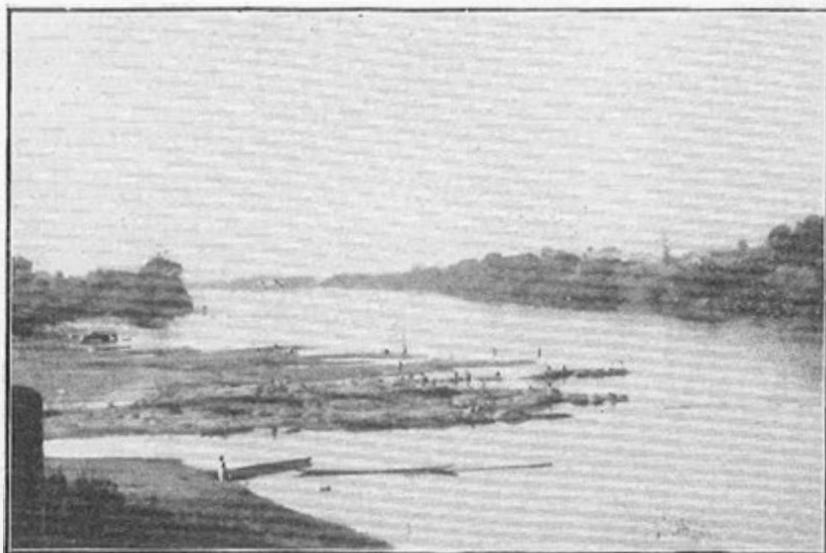
Toda essa acidentada e emocionante história, toda essa verdadeira luta entre a vida e a morte, retratam-se na fisionomia urbana de Cuiabá. Em algumas de suas igrejas (a mais importante das quais é a catedral do Senhor Bom Jesus), o ouro aparece nos altares, embora de maneira muito mais modesta do que se pode vêr nas de Minas Gerais. Em suas ruas, estreitas e de traçado irregular, erguem-se ainda alguns sobrados de longos beirais, velhas habitações com rótulas de trama losangular, venerandos muros ou grossas paredes de taipa. Mas, por entre o casario antigo, sem dúvida dominante, repontam os telhados novos de residências modernas, como também já se alteiam alguns "arranha-céus"; e a cidade expande-se através de novos quarteirões. Cuiabá está renascendo.

Cerca de 30.000 habitantes devem viver, hoje, nas áreas urbana e sub-urbana da capital matogrossense, que possui um total de 56.204 para o conjunto do município (1950), o qual, cumpre assinalar, é um dos mais extensos do país. Em 1920, esse total era de 33.678; no começo do século atual, chegara a 34.393. Na massa dessa população, predomina sensivelmente o elemento mestiço, sobressaindo-se, dentro dele, o tipo cafuno.

A cidade apresenta alguns traços muito característicos em sua fisionomia urbana, além dos já assinalados. São as palmceiras imperiais que enfeitam

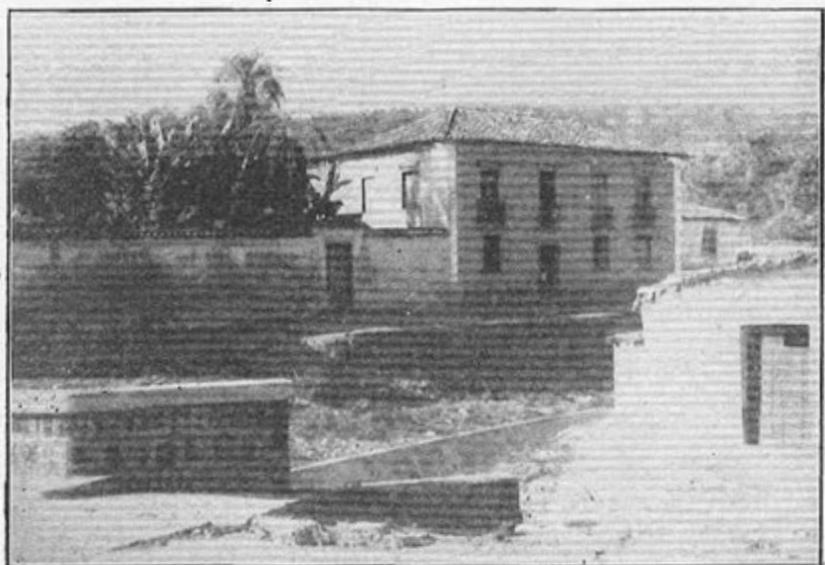
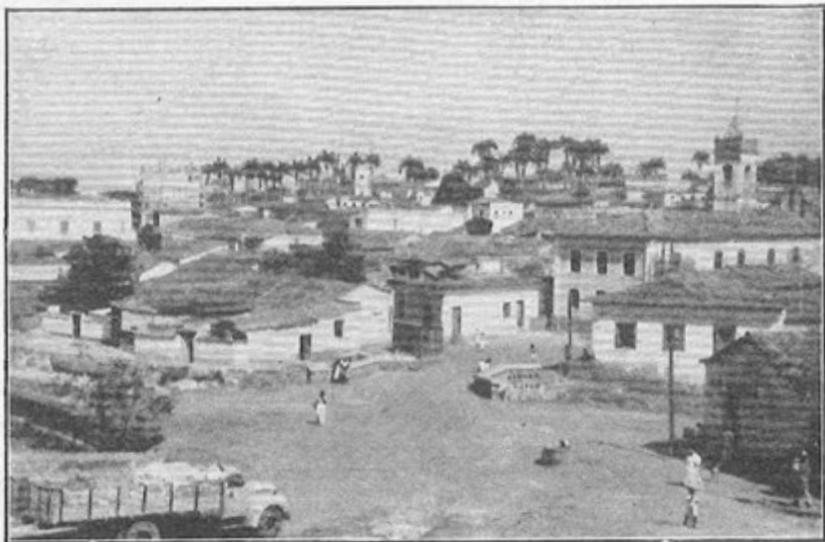
suas praças e algumas de suas avenidas, além da compacta vegetação arbórea que se acumula nos quintais, o que lhe valeu o cognome de "Cidade Verde". São os *bois de carga*, que transitam frequentemente por suas ruas, conduzindo cereais para o Mercado Central. São os *carrinhos* de madeira, conduzidos pelos "carrinheiros", que vendem peixes ou verduras, depois de adquiri-los no Mercado de Beira-Rio. É o próprio rio Cuiabá, embora um tanto afastado do centro principal, ponto de concentração de lavadeiras e via através da qual chegam, sobretudo pela madrugada, os canociros trazendo as mais variadas hortaliças, abundante pescado (em que se destacam o pacú e o dourado), rapadura e lenha. É a pacata vida urbana, de burgo ainda provinciano, seu movimentado "footing" às primeiras horas da noite, suas retrêtas bi-semanais.

Os caminhões e ônibus, os aviões comerciais, sem falar no rádio, conseguiram realizar o milagre de colocar Cuiabá em contato permanente com o Brasil atlântico, num contraste chocante com o isolamento a que estava condenada há apenas quinze anos. Por sua posição geográfica, a capital matogrossense tem um destino certo e promissor, por encontrar-se numa encruzilhada de vias de comunicação e por ficar entre o Mato Grosso amazônico, a área pastoril do Pantanal e a zona diamantífera.



O rio Cuiabá

As fotografias mostram o importante afluente do rio Paraguai próximo à ponte que une Cuiabá a Várzea Grande: no alto, a jusante, em baixo a montante da capital de Mato Grosso. Numerosas lavadeiras aglomeram-se na margem cuiabana. O rio aparece em pleno período de vazante, época em que a navegação só pode ser realizada por embarcações de pequeno calado.



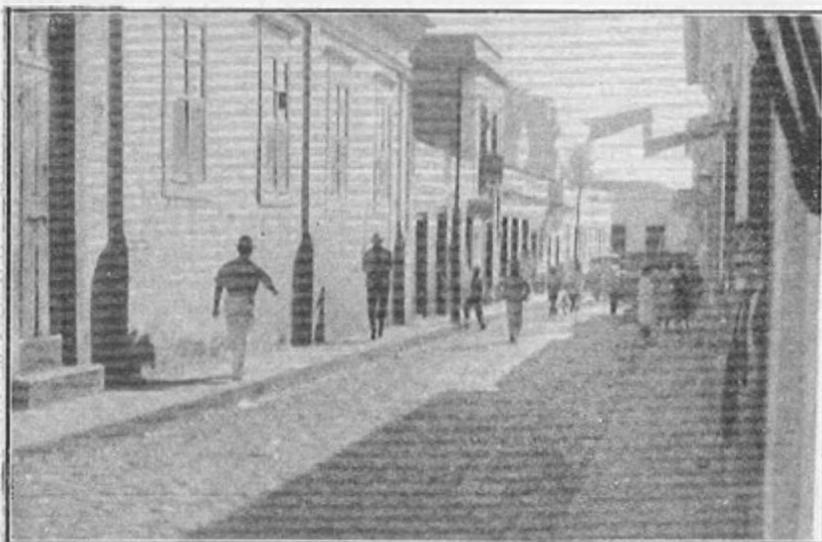
O núcleo mais antigo de Cuiabá

No primeiro plano, em ambas as fotografias, aparece o córrego da Prainha, exatamente no ponto junto ao qual a cidade teria sido fundada. No último plano da fotografia superior vê-se o centro principal de Cuiabá, enfatizado por elegantes palmeiras imperiais e onde ergue-se a Catedral.



Igrejas de Curitiba

No alto, a imponente Catedral do Senhor Bom Jesus, situada à praça da República. Em baixo, a igreja de São Gonçalo, não longe do porto fluvial. Ambas, em suas origens, remontam ao século XVIII.



Ruas de Cuiabá

No alto, a avenida Getúlio Vargas, a principal artéria urbana, que se dirige no rumo do norte. Em baixo, a velha "Rua do Meio", em pleno centro comercial.



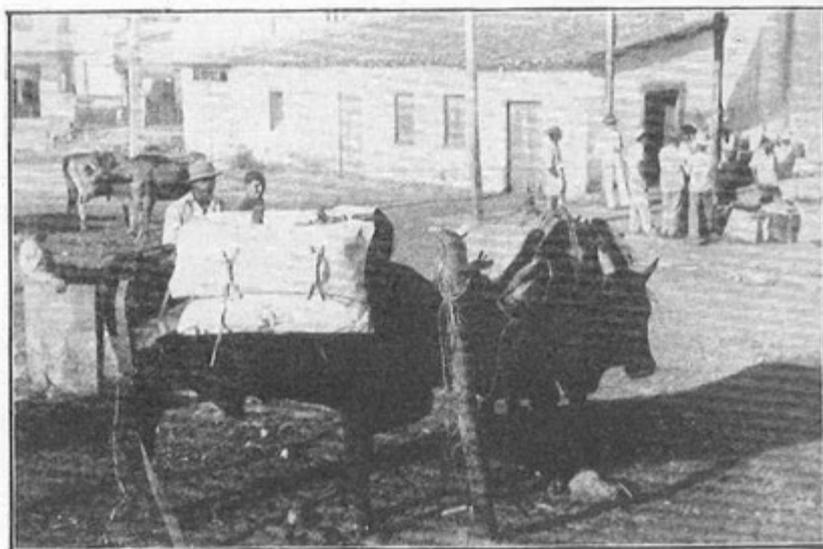
Reminiscências do passado

Ruas de traçado irregular, casas antigas, velhos sobradões de meados do século XIX dão à cidade de Cuiabá uma fisionomia toda particular.



Tipos humanos

Os mestiços predominam no conjunto da população cubana e, entre eles, os cafusos são muito numerosos.



Os bois de carga

Entre os traços marcantes da fisionomia de Cuiabá, os bois de carga aparecem como dos mais característicos. Em baixo observa-se um aspecto do Mercado Central, destinado à venda de cereais.